

**“ISSO É TRUQUE DE DRAG
VELHA”: ETNOGRAFIAS
DAS NOITES E A ARTE
DRAG NA CIDADE DE
PELOTAS-RS***



NEWAN ACACIO OLIVEIRA DE SOUZA**, FELIPE AURÉLIO EUZÉBIO***,
LOUISE PRADO ALFONSO****

Resumo: *este texto tem como intuito refletir sobre as pesquisas realizadas na cidade de Pelotas-RS, com enfoque em drag queens. Trazemos a figura da Maddivah Vittoun, nossa principal interlocutora, como aporte para discutir, a partir de um contexto específico, sobre famílias drags, maquiagens e devires da noite. A partir de uma construção coletiva de narrativas etnográficas trazemos intersecções entre as pesquisas realizadas no âmbito do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) com o objetivo de expor divagações acerca da comunidade LGBTQIA+ e seus tensionamentos quanto a cidade. A escrita estrutura-se entre os meandros da noite, suas configurações e rotinas que se desenham em diferentes categorias para se pensar o fenômeno urbano.*

Palavras-chave: *Drag queens. LGBTQIA+. Pelotas. Margens.*

* Recebido: 13.07.2020. Aprovado: 29.09.2020. Este trabalho foi apresentado em sua primeira versão no GT 102 – Sujeitos em Performance: Ritual, Festa, Corpo e Diversidade na XIII RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul, em Porto Alegre no ano de 2019

** Graduado em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). *E-mail*: newan-souza@outlook.com.

*** Graduado em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *E-mail*: felipe.aurelio197@hotmail.com

**** Pós-doutora pela Universidade Federal de Pelotas/RS. Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). *E-mail*: louiseturismo@yahoo.com.br

*As monas olham pra mim, os mano tenta entender
As mina pergunta assim "quem maquiou, foi você?"
Gloria Groove, Gloriosa*

DO INÍCIO, PELO MEIO E PELA NOITE

Esse trabalho se constrói a partir da parceria entre autoras em âmbitos diversos - desde o trabalho de campo, troca de bibliografias e de ajuda mútua no que é trabalhar coletivamente. Diga-se de passagem, na Antropologia esse não é um caminho dos mais floridos, porém é extremamente rico e cheio de possibilidades (FASSIN, 2008). Assim, demonstraremos o que foi e é trabalhar a partir de etnografias coletivas dentro do 'Projeto de Pesquisa Margens: Grupos em Processos de Exclusão e Suas Formas de Habitar Pelotas'.

O 'Margens', coordenado pela Professora Louise Prado Alfonso (uma das autoras desse artigo), tem essa característica: a construção de uma antropologia das margens da cidade pensando e problematizando as dinâmicas de exclusão e o fazer-cidade a partir de uma relação dialética entre centro e margem. Inspiradas em Agier (2015), através de etnografias de cunho coletivo nos unimos e nos tornamos parte das narrativas que aqui serão apresentadas.

Essa construção se dá por meio de um diálogo entre ensino, pesquisa e extensão. Mas, vale destacar que é pela prática antropológica e pelos três projetos de Extensão - Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas; Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogos/as em Formação; Mapeando a Noite: O Universo Travesti - que as 'margens' acadêmicas do que é pesquisa, ensino e extensão vão dissolvendo-se e dentro do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), vinculado ao Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), relações multidisciplinares e interinstitucionais¹ acabam sendo criadas.

Em meio ao Projeto de Extensão 'Mapeando a Noite' - iniciado em 2016 e com foco nas populações trans e travestis na prostituição de rua da cidade de Pelotas - nos aproximamos das *drag queens* e a pesquisa que as inclui tomou a forma que hoje tem. Entre reviravoltas, mudanças de temáticas e enfoques de pesquisa, é na aproximação com o campo que começamos a entender e perceber a existência de uma complexidade de fatores, relações, disposições sociais e de vida no 'simples' ato de 'se montar'.

Diante disso, é impossível pensar tal temática sem associar de forma inequívoca a cidade que estamos. E o porquê disso? Pelotas é a maior cidade da região sul do Rio Grande do Sul, vive dos ares de 'tradição', da fama de Princesa do Sul, de Paris nos trópicos e do antigo Polo Charqueador (ALFONSO; RIETH 2016). É lar de muitos casarões pomposos, da exaltação do estilo arquitetônico eclético, recentemente, valorizado pelo tombamento do conjunto histórico enquanto Patrimônio Cultural Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), Cidade 'europeia', de uma imigração francesa e pomerana ali e acolá e, sem o mínimo de dúvidas, lar dos mais 'adorados doces finos'. Essa construção narrativa de uma cidade branca, cisheteronormativa e elitista esconde Pelotas enquanto uma cidade negra, formada por tantas casas de religiões de matrizes-africanas, dos doces de fruta, a também dita cidade 'gay', que invisibiliza em seus patrimônios, as marcas de seus grupos excluídos (negros,

periféricos, mulheres, LGBTQIA+'s etc.). Esses processos de exclusão são contínuos, se perpetuam nas construções de narrativas sobre os patrimônios da cidade e o direito dessas comunidades ao habitá-la. Dessa forma, esse artigo trará algumas colocações sobre a cena *drag queen* na cidade de Pelotas junto às experiências da persona Maddivah Vuitton, que se 'monta' há mais de 15 anos na região.

Além de relacionar tais indivíduos com a cidade, outras questões surgem: como vamos nos referir às *drag queens*? O quê, de tudo que vivenciamos, decidiríamos que é importante ser destacado? Quais os limites em campo? Quais os limites do envolvimento nisso tudo?

ENTRE 'MONTAÇÕES'

Chove em Pelotas. Noite de temporal e, por acaso, noite de festa. Será que realmente *Pelotas is burning*?² Ou, inverso ao título da festa, a cidade está se afogando? Corremos na chuva, corpos gelados, desânimo por uma festa que teve seus momentos incertos desde a entrada, uma mistura de gente de peruca, de salto alto, de maquiagem e do calor do álcool que não pôde nem amornar a noite.

Brincadeiras à parte com o título da festa, ou mesmo com o fatídico episódio de retornamos para casa uma hora após chegarmos, por conta da falta de eletricidade, esse é o primeiro momento de várias 'montações', 'corridões' e 'truques de drag velha' que serão palco dos percursos etnográficos aqui sobrepostos. Estamos a percorrer caminhos, narrativas e vivências sobre a arte drag queen em Pelotas. Assim, essa primeira 'anedota' é apresentada como fruto de nossa inserção nesse cenário.

Traçar comentários sobre o que é a arte drag, onde inicia, quais caminhos foram percorridos até os momentos de escrita desse artigo, é um trabalho cheio de percalços, já que diferentes atores sociais buscam suas próprias influências, ou seja, existem múltiplos pontos de partida e enlaces nessas histórias. Entretanto, compreender um pouco dos contextos em que historiograficamente são postas essas narrativas, nos mostram alguns percursos necessários.

Vamos destrinchar melhor essas colocações, partindo de duas realidades distintas, para compreendermos como o cenário drags se coloca em Pelotas e, principalmente, a partir do que vimos, ouvimos e compartilhamos em campo, refletirmos sobre quais elementos destes cenários são utilizados para 'performar' uma noite drag na cidade. Muitas pessoas dirão que o estágio embrionário desse universo são os 'Ballrooms' novaiorquinos, nos quais jovens LGBTQIA+, em sua maioria, pessoas negras e latinas³ se encontravam, e ali participavam de competições, formavam 'famílias', se relacionavam e se apoiavam. Em outro contexto, João Silvério Trevisan (2018) em "Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade" demonstra que em terras brasileiras as configurações se deram a partir do teatro, principalmente ligado à jovens artistas LGBTQIA+ presentes nas companhias.

Nessas misturas – entre cenas marcadas pela epidemia de Aids/HIV, racismo, lgbtqiáfobia e uma ditadura-civil militar no Brasil – suas repercussões e resistências que constroem parte das relações que vimos em campo. Durante festas, conversas e performances, a influência do cenário estadunidense e, principalmente, o uso de uma linguagem êmica, o legado dos 'balls', é visível. Vimos que a presença, cada vez mais abrangente, de drags na mídia tem papel fundamental nessa mistura de histórias e narrativas sobre a arte. O interessante do (re)pensar, acerca dos caminhos traçados

pela arte drag é: como disposições antes vistas em centralidade, vão se modificando e se constituindo enquanto sociabilidades outrora incomuns. Esse é o caso das ‘famílias drags’, que são postas para Gadelha (2009) enquanto

Na busca de adquirir tal reconhecimento, agentes costumam procurar alguma drag experiente nas técnicas referentes ao ato de “se montar”, para que esta drag os ensine a montar e utilizar um corpo. Quando há essa procura, ocorre, assim, um ritual de iniciação à montagem, sendo comum que a drag preceptora torne-se mãe da pessoa iniciada, se esta assim o quiser. Uma vez que esse parentesco social-afetivo foi estabelecido, a filha recebe o sobrenome drag da mãe de montagem (GADELHA, 2009, p. 103).

Surpreendemo-nos quando vimos que nem todas as drags de Pelotas possuem famílias, muitas delas, principalmente as mais jovens, são influenciadas por outros meios e aprendem a ‘ser drag’ por vídeos e tutoriais online, por exemplo. Esse é um dos caros momentos que a etnografia proporciona, quando diferentes realidades se transpassam e se tecem em acontecimentos inesperados (pelo menos para nós pessoas pesquisadoras).

Em campo, na noite e nos ‘esquentas’, não há limites concretos entre o que é ‘drag Brasil’ e o que vem de fora. O que vemos é uma mistura de referências e linguagens no exercício infundável que percebemos enquanto ‘montação’. Não tem fim, porque é sempre renovado e é montagem, porque não se trata de copiar estéticas ou imitar estereótipos. Aqui, o ‘ser drag’ se faz único e, entre as luzes frenéticas da noite, até mesmo político.

Foi a partir desse momento, que compreendemos que o cenário drag queen em Pelotas não é o mesmo que ‘Paris is Burning’⁴ ou ‘Pose’⁵ nos mostram. Esta percepção nos trouxe uma reflexão de nossas práticas, a partir daqueles conceitos tão utilizados na Antropologia, como relativizar e estranhar o familiar (VELHO, 2008).

Trazemos o “familiar”, ou melhor, uma reflexão sobre essa categoria, partindo de Gilberto Velho (2008, p. 126-7) quando diz que “há descontinuidades vigorosas entre o ‘mundo’ do pesquisador e outros mundos”. É nesse caminhar, o da investigação, que se realiza “o questionamento e exame sistemático de seu próprio ambiente (VELHO, 2008, p. 128)”. É nele que se insere o (re)conhecimento de peculiaridades de Pelotas no entendimento sobre arte drag e sobre as ruas paralelas de endereços tão bem conhecidos. O estranhar se produz quando, enquanto também transeuntes e residentes, buscamos um entendimento da paisagem social não apenas enquanto posta, mas passível de ser apreendida por suas lógicas próprias e, por isso, redesenhada por nossas interlocuções.

Esse fora um dos momentos principais para o desenrolar da etnografia, quando, enquanto pessoas pesquisadoras, partimos a compreender o mundo do ‘outro’ fugindo de explicações que se baseiam em enxergar o senso comum, mas buscando refletir as tramas das vidas cotidianas em uma relação, entre pessoas interlocutoras e pesquisadoras, que constrói-se a partir da interação (ROCHA; ECKERT, 2009). Digamos que essa interação, o estar em campo, se construiu e reverbera entre cílios e unhas postiças.

Dispusemo-nos, entre 2018 e 2019, a ‘vivenciar’ a noite na cidade a partir de uma nova perspectiva, centrada em uma etnografia que permeia aspectos ligados às relações com a cidade e, como Ana Paula Vencato (2002) dirá, o ‘fervor drag’. Essas

interações, ou melhor, a própria experiência etnográfica deu-se a partir de momentos de ‘montação’ anteriores às festas. Durante esse período, em diferentes momentos e locais, frequentamos festas com drags queens, atentando, inicialmente, a transpor essa realidade de filmes e séries, que nos era conhecida.

Existem três momentos em campo que devem ser frisados, que explicam como e, conseqüentemente, o porquê do entrelace de drag queens e narrativas sobre a cidade de Pelotas. Agora abrimos um parêntese para pensar esses momentos, estes apreendidos a partir da forma que nos apresentamos em campo. Apresentar-se na noite, timidamente em muitos momentos, não é definido apenas pelas roupas usadas e formas de falar. Mas também como nos portamos enquanto pessoas a pesquisar. Em cada ‘saída’ experimentamos os limites das relações ali construídas, já que a interação com Maddivah nos permitia aproximações e distanciamos relativos (entre humanos, contextos e locais diversos). As experimentações foram variadas, desde as fotografias com técnicas falhas, as entrevistas, a participação (que aos poucos se propõem a observar), a observação que decide participar e as gravações em áudio inesperadas. A conversa ‘solta’ é central em nosso campo. As gravações não se adaptaram à Maddivah, pois o fluxo solto e próprio dos pincéis e risadas esbarrava na materialização dos discursos inerentes à gravação.

O primeiro desses momentos caracteriza-se pelo ato de ‘se montar’. Em suma, nos encontrávamos na residência pertencente a algum indivíduo do grupo que iria à festa. Um aspecto importante: o ‘ir’ à festas é uma atividade conjunta, realizada por um grupo de várias pessoas. Aliados de músicas, pincéis de maquiagem e ‘truques de drag velha’ às conversas se desenrolam. Os assuntos são dos mais diversos e, no mais, percebemos que a temática ‘drag’ é central desde as referências à artistas pop, ‘youtubers’ ou ‘focas’ sobre aquelas conhecidas pelo grupo. É evidente que, em momentos específicos, as conversas são levemente guiadas com perguntas por nós realizadas, mas o fluxo contínuo, amistoso e embargado que de certa euforia engloba-se enquanto uma experiência que não deve ser podada e que precisa ser compreendida.

Seguido essa ritualização, do ‘pré-festa’, ou mesmo, ‘esquenta’, como popularmente é conhecido, ocorrerá a movimentação. Nesse momento, que na maioria das vezes se dá através de veículos de aplicativos de mobilidade, a cidade apresenta-se de forma diferente. As histórias contadas passam a falar das mudanças, das camadas de temporalidades e transformações dos lugares. Os trajetos percorridos, decididos pelo motorista ou ‘GPS’, evocam vivências outrora não comentadas.

E desses momentos, brotam as anedotas sobre carnavais de anos anteriores, de colegas, amigas, amores e desamores que vão se acumulando e sobrepondo-se ao longo da viagem. São nesses momentos que, enquanto pessoas recentes na cidade, descobrimos que Carnaval nem sempre foi naquelas mesmas ruas do Bairro Porto que conhecemos, ou, quando em momentos mais sensíveis, descobrimos que, ali perto, no trajeto para uma noite de diversão e pesquisa, uma ‘mana travesti’ foi assassinada, um ou dois anos antes. A noite continua.

Chegamos à agitação e esbarros das festas. Agora, as conversas são cessadas. A dificuldade de comunicação oral por conta da música alta é um fator limitante. Porém, como Magnani (2009) já demonstrou em alguns de seus contextos de pesquisa, o olhar atento nos permite outras percepções. Daqui em diante, paramos e observamos como corporalmente e espacialmente as relações são postas, os cumpri-

mentos e os novos sujeitos que nos são apresentados. Inclusive, como nossa própria interlocutora tem um papel deveras intrigante no meio ‘drag’ da cidade, sendo chamada de ‘mãe’, mesmo não possuindo as relações expostas por Gadelha (2009) em sua pesquisa com drag queens em Fortaleza/CE. Mães e filhas, como da forma como outros trabalhos apontam (GADELHA, 2008, 2009, 2010), não são encontradas em demasia na realidade a qual investigamos. Entretanto, elas existem em suas próprias peculiaridades.

Na lógica estadunidense (apresentada nas séries, filmes e documentários sobre os ‘ballrooms’) a maternidade está associada ao acolher. As cenas são permeadas pelos contextos econômicos e sociais vivenciados por suas personagens em uma construção familiar a partir da exclusão, da aprendizagem pela convivência e oralidade. Na experiência da relação cotidiana as famílias são apresentadas enquanto grupo, que se forma e carrega uma responsabilidade de nome perante a comunidade.

No entanto, essas configurações da cena se transformam com as redes sociais. Essas produções audiovisuais produzem e aproximam percepções do que é ‘fazer drag’, construindo relações que bebem e se inspiram em contextos para além dos limites dos fervejos e da noite de uma única cidade.

O vínculo familiar deixa de ser um pré-requisito para entrar no ‘mundo drag’ e, de certa forma, exportam aquelas realidades para a cena de Pelotas. Inspirações e aspirações do que é ser, fazer e viver enquanto drag são desenvolvidas nas relações que observamos, mas não necessariamente com reciprocidade. Nas redes sociais e na noite algumas drags mais jovens chamavam a Maddivah de ‘mãe’, já a Maddivah não as chama de ‘filhas’.

No contexto pelotense entendemos que a maternidade está mais relacionada com um sentimento de respeito/inspiração do que com os processos ensino/aprendizagem/montagem drag. Maddivah é tida como ‘mãe’ porque está a mais tempo na cena, viveu o ‘abre e fecha’ das boates e bares LGBTQIA+ pelotenses, assim como vivenciou o surgimento de diversas drags que hoje ‘montam’ a cena. Neste processo há o desejo e o almejar de um tipo de relação que é entendida a partir das referências internacionais do que é fazer drag, nessas relações os vínculos estão para além da performance e da noite. Em Pelotas, muitas vezes isso não acontece. Sendo assim, refletir sobre essas configurações perpassa questões geracionais, sejam elas ligadas às relações, existentes ou não, de ‘mãe’ e ‘filha’, ou entendimento de ‘arte e fazer drag’. Muitas das que hoje a chamam de ‘mãe’ não foram inseridas/nasceram a partir dela, mas, Maddivah já estava na cena quando se ‘montaram’.

Ao longo do envolvimento, das novas sociabilidades e das convivências diversas, um dos autores desse artigo, é ‘adotado enquanto drag’ pela Maddivah Vittoun e, como acontece em boa parte dos casos, utiliza o sobrenome de sua ‘mãe’. Assim a inserção em campo passa a ser também a partir da persona Maya Vittoun (Figura 1).



Figura 1: Noite de ‘Apresentação’ de Maya Vuitton para a Cena Pelotense. Da esquerda para a direita, Maya Vuitton e Maddivah Vuitton (2019).

Nesse momento, existe a construção de uma ‘relação familiar drag’, já que as interações entre Maya e Maddivah acontecem também em outros contextos. Há em sua própria forma, uma persona drag que interage e se relaciona além do ‘fazer drag’, em dinâmicas de apoio, conciliação e até reciprocidade. Aqui, Maddivah participa ativamente em todos os processos necessários para o nascimento de Maya, escolha do nome, ir às compras, estilo, personalidade, maquiagem, peruca, unhas, acessórios, entre tantos outros elementos.

A partir do surgimento da Maya, e principalmente por um engajamento corporal que se transforma por parte de um dos pesquisadores, o próprio ‘ritual’ (se assim podemos chamar) de ‘montação’ é pensado enquanto singular e merece alguns olhares. Anteriormente, ao falarmos das etapas que, a maioria de nossas idas a campo se estrutura, citamos com um número menor de detalhes os ‘esquentas’ nos quais a Maddivah ao montar-se nos relata muitas de suas histórias. Entretanto, como já posto, nossas atenções se intensificam aos pequenos passos de nossa caminhada na arte de se montar.

Agora, somos neófitos nesse processo ritualístico que se estrutura em aspectos que vão além de uma boa maquiagem e roupas, e perpassam a recepção das outras drags e seu reconhecimento na cena. Essa fora uma das principais preocupações do Leandro/Maddivah na noite de ‘apresentação’ de Maya. A preocupação com a roupa, com a festa, quais drags estariam ali presentes e, sobretudo, em como sua filha seria recepcionada.

E, afinal, o que é o se montar? Existem as mais diversas formas de realizar esse processo, a depender de como será o resultado, pois existem drags que se dizem mais ‘femininas’ (pondo as mais diversas aspás no que é ser ou não feminino), com ou sem barba, com ou sem encheamentos, aquelas que aquendam⁶ ou não. O ato de se maquiarse é o mais demorado, desde o barbear-se ou não, a ‘fundação’, a ‘base’, o ‘pó’ e por aí tantos outros produtos e truques, como o utilizar maizena em um dos processos, um truque ‘bem de drag velha’. É interessante ressaltar que é no montar-se, nesse transgredir os mais diferentes níveis e em variadas performatividades, instaurados enquanto masculinos ou femininos, que o fazer drag se constitui. O se montar não se encerra por aí, ao maquiarse, também perpassa a escolha de roupas, perucas e a própria persona. Ao constituir-se enquanto drag queen o sujeito performa para além do dito natural, “extrapolando” e “exagerando” os limites de gênero e de suas performatividades (BUTLER, 2017; 2018) construídos e impostos pela heteronormatividade. Para Eurídice Figueiredo

Além do performativo, Butler usa também o conceito de performance, sobretudo aplicado às drags queens que performam o gênero, com efeito paródico de qualquer gênero. A performance é uma realização mais individual, enquanto o performativo é uma noção aplicada ao discurso coletivo que constrói os gêneros. Butler reconhece que nem toda paródia é subversiva, ou seja, é preciso indagar que tipo de relação se estabelece entre produtor e receptor, entre performer e público, a fim de perceber se a paródia tem efeitos disruptivos ou se ela é totalmente domesticada (FIQUEIREDO, 2018, p. 44).

O montar-se, o ‘aquendar’ e o dublar as divas do pop enquanto drag queens pode ser visto enquanto de caráter emancipatório de padrões e normas para esses sujeitos. A partir da noite, em muitos momentos, e dessas novas relações entre pessoas e, consequentemente, a compreensão de suas próprias definições do espectro de gênero, percebemos que as categorias ditas fixas se misturam e colapsam em um frenesi descompassado e corriqueiro.

Nessa ‘brincadeira’, politicamente posta, diversas pesquisas como as de Damásio (2009), Gadelha (2009), Santos (2012), Vencato (2002), Vergara (2014) postulam problematizações acerca da temática.

A inserção performática das drags no espaço público tem vieses que me levam a pensar acerca do papel socialmente atribuído a mulheres e àquele atribuído aos homens, em suma, os papéis de gênero. (...) Ao se montarem “deixam de lado”, em certo sentido, aquele modelo do que é “ser homem” que lhes foi ensinado durante a vida – refiro-me aqui ao papel de gênero, construído social e culturalmente e que lhes é atribuído por terem nascido com o sexo biológico masculino.(...) Elas imperam no espaço público, contrariamente ao que usualmente fazem as mulheres, de quem “emprestam” as roupas. Dominam/prendem a atenção do público, que as reverencia. O espetáculo é delas, o espetáculo é o que são. Não são homens, nem mulheres,

nem masculino, nem feminino ... talvez sejam os dois ao mesmo tempo. Talvez, mesmo, nem mesmo possam ser “encaixadas” nessas categorias de análise (VENCATO, 2002, p. 109).

Indo ao encontro de algumas dessas ideias, nos cabe pensar, a partir do recorte feito e das realidades que vivenciamos, o quanto tais pessoas são ou não representadas no espaço urbano. Além de compreender suas redes e formas de habitar uma cidade que, na maioria das vezes, acontece por meio de suas próprias performatividades transgressoras.

Retornando ao aprender em campo, nossas divagações e, ainda mais nosso lugar enquanto aprendizes nos mais diferentes regimes de conversação, se instauram enquanto pertencentes ao próprio processo de aprendizagem. Consideramos que, como Jean Lave, a aprendizagem é situada na “relação entre pessoas, contextos e práticas” (LAVE, 2015, p. 40). Assim, a Antropologia não pode ser compreendida e apreendida sem situar-se em múltiplos contextos e conhecimentos. Através, durante e perante a noite constroem-se etnografias vívidas de uma cidade de narrativas não oficiais e sujeitos as quais elas representam ou não.

A PROPÓSITO O QUE É ‘TRUQUE DE DRAG VELHA’?

Esses truques, historietas e artimanhas são as narrativas de nosso/a interlocutor/a. São frutos de suas experiências durante os quinze anos em que performa. São seu legado⁷, se assim podemos brincar. São os ‘truques’ como a maizena e grampos para perucas.

Em um de nossos ‘esquentas’, em meados de outubro de 2018, tivemos os primeiros diálogos sobre o início/nascimento da Maddivah. Leandro nos diz, sentado em uma mesa defronte aos espelhos, maletas e pincéis, sobre seus primeiros contatos com o universo drag, que se deu a partir de uma festa

Felipe: Mas como é que foi a primeira vez que tu viu, o que era, o primeiro contato que tu teve quando é que foi, tu lembra?

Leandro: Acho que foi a primeira vez que eu sai escondido pra festa

Felipe: Saiu escondido?

Leandro: Aban, aí eu sabia que era festa gay, mas não sabia o que eu ia encontrar aí eu vi ... um monte de gente montada e eu gostei, eu queria fazer aquilo pra mim, mas eu não tinha condições

Felipe: E tu não era assumido ainda?

Leandro: Era, mas foi o dia que eu me assumi, que eu inventei de sai

Felipe: O dia que tu te assumiu?

Leandro: E aí eu achei legal, mas eu não tinha condições, não conhecia ninguém, mas que eu vi mesmo foi quando teve a primeira parada gay aqui

Felipe: Já tinha drag daí?

Leandro: Daqui não, vieram de fora

Felipe: Vieram de fora? A primeira parada gay foi quando, tu lembra?

Leandro: Puxa vida, eu vou fazer 15 anos, eu comecei na terceira. 18 anos atrás

Felipe: Tu vai fazer 15 anos de drag já?

Leandro: É, em dezembro

659 (Trecho de gravação realizada e transcrita pelos autores).

A partir dessa narrativa nossas vozes se confundem entre músicas, gestos apressados a procura de roupas e olhares atentos. Seguimos conversando sobre o início de carreira, sobre as primeiras experiências e dificuldades. Ele nos conta que, junto com outros dois amigos, começaram a ‘se montar’ ajudando-se mutuamente com a maquiagem e com os ‘looks’ que eram compartilhados, sofrendo algumas modificações de festa para festa para o ‘povo’ não falar. Hoje, ela nos diz que esses mesmos amigos não fazem mais drag, uma delas passando pelo processo de transição⁸ e outro deixando de se montar com receio de passar pelo mesmo processo.

Há dezesseis anos Léo/Maddivah surgiam no que gostamos de chamar de ‘cena drag de Pelotas’ que, timidamente, se iniciava. Daí em diante, dessa primeira festa e da ajuda de amigas que hoje não se ‘montam’ mais, que a carreira da Maddivah começa a existir, naqueles primeiros anos sem ‘cachê’. Nos primeiros anos, elas pagavam a entrada das festas e pediam para performar, depois disso os ‘cachês’ começaram a parecer. Maddivah diz que seus primeiros trabalhos foram fazendo ‘covers’ de cantoras famosas, logo depois fazendo ‘bate cabelo’⁹, sendo ‘hoster’¹⁰ e até mesmo algum trabalho enquanto DJ.

Léo tem sua própria definição de drag, pensada como arte que é realizada a partir de uma personagem, nesse caso a Maddivah. ‘Brincar com a arte’. Ele nos diz isso em meio a conversa sobre como a Maddivah faz ele se soltar muito mais. Não sei se é perceptível, mas ao tratarmos das narrativas estamos, diversas vezes, ‘brincando’ com a flexão de gênero, ora se referindo como ‘Ele’ ora como ‘Ela’. Esse é um tocante essencial, porque a figura da Maddivah e do Léo não são as mesmas, mas elas não se desassociam, estão ‘misturadas’ ao longo de suas narrativas.

Como drag, os ‘cachês’ complementam sua renda e de seu atual companheiro, os relacionamentos sociais iniciam montada ou não, assim como, por algum período, ela ficou sem se montar, vendeu e se desfez de várias coisas. Anos depois retorna à ‘cena’ para ficar. Então continuamos, nos ‘montamos’ diversas vezes com a Maddivah e começamos a compartilhar nossas histórias, nossas vivências, nossos amores e desamores.

Durante uma tarde de domingo, perante a prova de maquiagens para uma festa futura, surgiu a narrativa aqui diversas vezes repetida: ‘truque de drag velha’. Nesse momento, o Leandro/Maddivah assim adjetiva suas artimanhas, quando utiliza ‘maisená’ na face para ajudar no processo de ‘montação’ – consiste em uma das camadas de maquiagem utilizar o produto como fundação entre a aplicação de outros produtos ‘próprios’ para maquiarse, assim conseguindo uma maior aderência dos próximos produtos e custo-benefício. Trazemos essas colocações como pontos importantes para se pensar as relações de nosso/a interlocutor/a com as outras ‘queens’ que por festas encontramos. Durante trechos dessa escrita nos referimos a ‘cena drag’ e suas próprias dinâmicas, pois é partir dessas relações (precisamente centradas na figura da Maddivah) que visualizamos tal cena, das mais experientes às mais novas, daquelas que dançam, atuam ou dublam até as que se montam só pelo ‘close’.

A figura de nossa interlocutora é central para se pensar esse contexto, porque a partir dela que esse ‘mundo’ de glitters, colants e cachês nos é apresentado. Assim, durante festas notamos em diversos momentos como a personagem de ‘mãe’ da cena lhe é transferida, ou melhor, ela é reconhecida pela sua trajetória. Rodas, durante as festas, são formadas a seu redor. Precisamos explicitar que essas outras drags com qual convivemos e dançamos por breves momentos não são ‘filhas drags’ da Maddivah, mas que trazer a narrativa do seu reconhecimento por outras drags é deveras interessante para se pensar a própria formação dessa ‘cena’ e algumas de suas configurações.

A CENA DRAG E A CIDADE DO DOCE

Consideramos essencial a discussão do que entendemos como ‘cena drag em Pelotas’ - enquanto uma gama de relações, trajetórias, circuitos, narrativas e sujeitos que habitam a cidade de sua própria forma - a cidade que Maddivah e outras drags vivenciam é diferente da vivenciada por diversos grupos, suas significações são completamente diferentes. A ‘cena’ é essa atmosfera entre perucas, festas, performances e aprendizado.

Estamos (re)construindo narrativas sobre uma cidade, apreendendo dinâmicas das mais diversas sobre o fazer-cidade e sobre uma construção ideológica, material e subjetiva dos espaços. Os estudos de Magnani (1996; 2009) e sua vasta produção acerca das multitudes de uma cidade de São Paulo (de uma das tantas versões possíveis da dita Paulicéia desvairada) revisitada antropológicamente a partir das festas, dos trajetos, circuitos e pedaços, traçam caminhos para entender (o quanto podemos) de Pelotas enquanto múltipla, por meio de pesquisas sobre patrimônios, paisagens e sobre a presença de casas de religião de Matrizes Africanas na cidade (ver CASTRO *et al.*, 2019).

Pelotas é conhecida como a cidade dos ‘viados’, inclusive chamada de ‘Capital Nacional dos Viados’ ou até mesmo ‘Terra Natal Mística de todas as gays’. Esses discursos tencionam alguns questionamentos: quais os conflitos, negociações e divergências que esses ‘slogans’ geram? E, a partir dessas negociações entre comunidade LGBTQIA+, poder público, mídias e os mais diversos agentes que se atravessam nas disputas, como se constrói a cidade por parte das/dos sujeitos LGBTQIA+?

Os trabalhos produzidos no âmbito do Projeto de Pesquisa Margens: Grupos em Processos de Exclusão e Suas Formas de Habitar Pelotas (ACEDO *et al.*, 2017; ALFONSO *et al.*, 2017; DUARTE JUNIOR *et al.*, 2017; FERREIRA *et al.*, 2018; GARCIA *et al.*, 2017; ROSA, ALFONSO, 2017; SEVAIO, ALFONSO, 2018; SILVA FILHO, SILVA, ALFONSO, 2017; SILVEIRA *et al.*, 2018), e suas novas formas de visitar a cidade, nos mostram que existe uma cidade institucionalizada, turística e que invisibiliza outras narrativas que não façam parte da ‘história oficial’ construída. Entretanto, os meandros de nossas divagações mostram como existem diversas camadas dessa cidade se sobrepondo, se emaranhando e sendo lidas, em muitos momentos, sem a possibilidade de desassociação.

À perspectiva de cidade e drag queens se misturam as histórias da Maddivah sobre o início de seu processo de montagem, as primeiras festas, onde ficavam esses clubes, relatos sobre carnavais passados e suas andanças nas festas do agora. Assim, vivenciamos outra cidade com ela, uma cidade com sujeitos que antes não conhecíamos, com trajetos de ‘uber’ e ‘99pop’¹¹, com olhares de receio tanto de motoristas, quanto nossos.

Anteriormente, refletimos sobre a prática e inserção em campo e agora tecemos comentários advindos desses momentos, mas que buscam através dessas narrativas novas percepções para o intrincado processo de habitar a cidade. Fernandes e Neis (2019), em um texto publicado na revista ‘Etno Cidade Pelotas – 16 a 18 de agosto de 2019’, em alusão as programações do Dia do Patrimônio/Pelotas- RS¹², trazem em sua narrativa alguns dos pontos referentes ao circuito boêmio, se assim podemos nos referir, de bares e casas noturnas LGBTQIA+.

Durante conversas com outras tantas pessoas interlocutoras, locais como o Bar da Helô, Odeon, Divas e The Way foram veementemente lembrados. Exemplos como esses e tantos outros, nos permitem olhar outras categorias para se pensar as ci-

dades, já que existem variados grupos que leem os acontecimentos com outras visões, opiniões e necessariamente outros discursos a evocar. A Cidade de Pelotas, do texto em questão, é caracterizada pela aura da diversidade e boêmia, pondo a segundo plano os processos de violência conectados ao surgimento dessas resistências ‘festivas’.

Pelotas passa a ser mais do que a cidade do doce, que se prepara entre os meses de maio e junho por conta da FENADOCE¹³ e mais que a monumentalidade dos casarões que rodeiam a Praça Coronel Pedro Osório (no centro da cidade), que como as Charqueadas, foram construídas e mantidas por pessoas escravizadas e, como toques de um ‘bom’ revisionismo histórico, tem suas narrativas de violência, segregação e exclusão afogadas pelas águas do Canal São Gonçalo. Agora, podemos ver, com certas dificuldades, os bares e ‘pé-sujo’, a placa que dá nome a uma esquina homenageando uma importante travesti já falecida, as festas e carnavais como uma construção da cidade, de seus espaços, de suas narrativas e patrimônios.

Não seremos hipócritas, esses mesmos locais, a euforia que deles emerge é constantemente embriagada de violência, de desrespeito e de preconceito.

Antigamente a gente andava mais livre na rua montada, hoje em dia eu não tenho coragem não. Antigamente a gente andava montada, caminhava se tivesse que se montar no centro e caminhar tipo até no Porto pra ir numa festa, ou contrário, assim como a gente tá aqui no porto e caminhar até o centro. Eu não tenho coragem, só se for assim, trocentas pessoas junto (MADDIVAH VUITTON, CADERNO DE CAMPO, 2018).

Esse excerto traz a Maddivah, nos dizendo que essa ‘Terra Natal Mística’ é violência também, que proteger as suas, como nos disse repetidamente, é necessário. Marcados pela eclosão de uma onda conservadora de extrema-direita nos inserimos em uma nova cidade para a Maddivah, onde andar ‘montada’ hoje não é o mais seguro. O medo, a luta, a vida cotidiana de um trabalhador do comércio da cidade e de uma ‘diva’ da noite que performa também para complementar sua renda estão misturados com tantas outras histórias de indivíduos transviados (SOUZA; OLIVEIRA-GOMES; TAVARES, 2019)

CONCLUSÕES NAS NOITES

As noites frias e calorosas da cidade, de seus quarteirões esvaindo-se ‘pela paz’¹⁴, ou mesmo o incessante fluxo de transeuntes durante os dias, pelas calçadas em frente aos casarões, pelas ruas comerciais e casas de religião, nos motivam em uma relação constante de aprendizado sobre diferentes nuances e configurações de Pelotas. Nossas reflexões, anteriormente postas ao longo desse texto e agora provisoriamente se encerrando, partem da inserção e compreensão de antropólogas/os/es nos mais diversos contextos de negociação, conflitos e multitudes do fazer/ser/estar-cidade.

Aqueles três momentos – ‘esquentas’/trajetos/festa -, entendidos enquanto categorias de reflexão necessárias para este texto, não se apresentam por cisões definidas, se caracterizam como matizes de cores vibrantes. São situações construídas sem contornos bem definidos, são nebulosas e se misturam. As intersecções são múltiplas, as violências descritas por Maddivah, são contadas também nas festas, nos trajetos percorridos; e a festa, de igual modo, acontece nestes ‘esquentas’ e trajetos. A ebulição dos corpos, performances e sociabilidades significam não apenas preparar-se para a noite em um de

tantos outros ‘esquentas’, mas entre drinks, perucas e ‘meias-arrastão’ blindar-se para que aqueles ‘olhares atravessados’ de um motorista ou segurança não afete tanto quanto poderia.

A antropóloga Claudia Fonseca (1999) reflete acerca da prática antropológica enquanto centrada a partir do particular e como, a partir de nossos contextos etnográficos, buscamos compreender aspectos de um quadro mais geral. Sendo assim, dirá que “É o dado particular que abre o caminho para interpretações abrangentes” (FONSECA, 1999, p. 60). Ao contrário do que se pode pensar, não se busca homogeneizar pessoas, mas partir da noção de que seus fluxos, ideais e concepções estão se entrelaçando, instituindo essas pessoas enquanto pertencentes a um campo social. Dessa forma, as narrativas extremamente pessoais aqui trazidas, no decorrer das mais diversas lembranças, aproximam-se do dito por Lévi-Strauss que “as condutas individuais normais, jamais são simbólicas por elas mesmas. São os elementos a partir dos quais um sistema simbólico, que só pode ser coletivo, se constrói” (LÉVI-STRAUSS, 1974 *apud* FONSECA, 1999, p. 63).

Construímos diferentes narrativas sobre a cidade e cabe ressaltar que as construímos coletivamente, não apenas com aqueles e aquelas que estão a ‘par de igualdade’ pelos corredores da universidade, mas principalmente como todos/as/es que são imersos nessas narrativas, a quem elas pertencem não apenas como dados e formas de explicar algo, mas como vivências, memórias e pedaços seus compartilhados com as/os pesquisadores/as.

Propomos discutir sobre drag queens como uma das vias de acesso as dinâmicas da comunidade LGBTQIA+ na e pela cidade, suas vivências e resistências que se transformam continuamente. Mesmo quando colocado enquanto uma performance artística localizada, a drag mexe com as performatividades de gênero, ao utilizar o corpo como expressão de arte. Não há uma fórmula fixa do que é estar ‘montado’. A ‘montação’ é algo que flui, sem rigidez, entre noite, som e luz, corpos surgem e desaparecem numa brincadeira que tem potência para abalar as noções de gênero ao incomodar, provocar e questionar elementos que constituem as normatividades que regem as expressões do entendido por masculino, feminino e família etc.

Conectadas e inspiradas em outros contextos, as relações de família na cena drag de Pelotas almejam algo ainda não tão bem desenhado, mas que nesse acontecer da noite demonstra-se nas dinâmicas de reciprocidade - presentes ou não - entre ‘mães’ e ‘filhas’, bem como nos aspectos de proteção vinculados a comunidade. Maddivah assume um status de ‘mãe’ por sua trajetória em cena, há um respeito que é evocado no uso da palavra, enquanto recurso geracional. Em devaneios finais, nos questionamos - ainda sem resposta definida - se ela seria ‘mãe’ da cena e não das drags!

A cidade de Pelotas é enxergada e (re)construída a partir das histórias pessoais, das diferentes formas de habitar e se entender política e socialmente na cidade. É interessante que os entrelaçamentos dos grupos urbanos, em especial aqui se tratando daqueles com os quais trabalhamos¹⁵, propiciam novos “olhares” e narrativas sobre a cidade, sobrepondo-se, misturando-se e complementando-se. Dos diferentes discursos, dos encontros e desencontros dos mais diversos agentes, suas trocas e significações que a tessitura da vida social se institui, de acordo com Fonseca (1999), e entre os caminhos acadêmicos, os ladrilhos hidráulicos da cidade, suas festas LGBTQIA+, fofocas e provas de maquiagem que continuamos com nossos olhares curiosos para os tortuosos, fluidos e insanos caminhos das cidades contemporâneas.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não teria ocorrido sem a participação direta e indireta de vários/as colegas e interlocutores/as. Um agradecimento mais que especial a Maddivah Vuitton/ Léo por ter compartilhado conosco parte de suas experiências nesse mundão drag. Também agradecemos a todas as drags queens que por entre a noite, e em variados momentos, nos receberam. E por último, a toda a Equipe Margens pelo seu trabalho, dedicação e companheirismo nas caminhadas antropológicas da vida.

“THAT’S OLD SCHOOL TRICK”: ETHNOGRAPHY OF NIGHTS AND DRAG ART IN PELOTAS-RS

Abstract: this text aims a reflection on the research carried out in the city of Pelotas-RS, with a focus on drag queens. We bring the figure of MaddivahVittoun, our main interlocutor, as a contribution to discuss, from a specific context, about drag families, makeups and night-time events. From a collective construction of ethnographic narratives, we bring intersections between the research carried out within the scope of the Urban Ethnographic Study Group (GEEUR) with the aim of exposing ramblings about the LGBTQIA+ community and its tensions regarding the city. Writing is structured between the intricacies of the night, its configurations and routines that are drawn in different categories to think about the urban phenomenon.

Keywords: *Drag queens. LGBTQIA +. Pelotas. Margens.*

Notas

- 1 Participam do grupo discentes e pesquisadores de áreas das mais diversas, dentre graduação e pós-graduação (como Antropologia, Arqueologia, Arquitetura, Artes Visuais, Ciências Sociais, Cinema, Geografia, Turismo entre Outros) e de variadas instituições de ensino superior (UFPel, FURG, UFRGS, UniRitter).
- 2 O nome da festa faz alusão ao documentário norte-americano *Paris is Burning* dirigido por Jannie Livingston e lançado em 1991. Tem como temática o “Ball Culture” novaiorquino e tornou-se um dos mais conhecidos documentários sobre a temática.
- 3 Trazendo esse recorte a partir dos anos 1980 quando os *ballrooms* passam a ser dominados pelas comunidades LGBTQIA+ negras e latinas. Assim, transformando-se no que é conhecido enquanto *Ballculture*.
- 4 Filme-documentário estadunidense de 1990, dirigido e escrito por Jennie Livingston e gravado na década de 1980, que segue as narrativas das comunidades “ballrooms” na cidade de Nova Iorque.
- 5 Série estadunidense exibida pelo canal FX, criada por Ryan Murphy, Brad Falchuk e Steven Canals. O enredo se passa no Bronx (Nova Iorque) no fim dos anos 1980, com enfoque na história de vida de sujeitos LGBTI+ e os bailes.
- 6 De acordo com o Dicionário Informal Online (2019) significa o “ato de esconder o pênis para trás. Muito utilizado pelas drag queens”.
- 7 Referência a série de televisão *Rupaul’s Drag Race: All Stars*.
- 8 Termo utilizado em relação ao processo em que o sujeito/a se entendem enquanto pessoa trans passando ou não por modificações corporais e de documentações. A explicação aqui utilizada se configura enquanto generalista e não condiz com todos os processos, remodelações e violências que pessoas trans sofrem durante esse momento ou mesmo durante sua vida.
- 9 Momento durante a performance em que drag queens giram de forma quase frenética suas cabeças e cabelos.
- 10 Recepcionista da festa. Termo utilizado em inglês pelo/a próprio/a interlocutor/a.

- 11 Aplicativos de mobilidade urbana de maior utilização na cidade de Pelotas.
- 12 “Dia do Patrimônio”, evento que surge em 2013 na cidade de Pelotas. O “Dia do Patrimônio” tem como foco promover seu patrimônios enfatizando sua relevância para a comunidade fixando-a como uma política pública, sendo organizado pela Prefeitura Municipal de Pelotas através da Secretaria Municipal de Cultura (SECULT). (Exposição Virtual Patrimônios Invisibilizados, 2020). Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/margens/>.
- 13 É uma feira que ocorre entre os meses de maio e junho na cidade de Pelotas e, de acordo com seu site oficial, promove a cultura doceira da região em âmbito nacional.
- 14 Expressando fazendo referência ao “Pacto pela Paz”, conjunto de medidas adotado pela Prefeitura Municipal e outros Órgãos Fiscalizadores, como a Brigada Militar, com o intuito de diminuição da criminalidade e que reafirmam práticas classistas e racistas.
- 15 Referência aos grupos abarcados pelos Projetos de Extensão que vão desde a comunidade LGBTQIA+, as religiões de Matriz Africana e a comunidade do Passo dos Negros até diferentes grupos da cidade que se encontram e multiplicam no fazer etnográfico e na Extensão Universitária.

Referências

- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. o antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, dez. 2015.
- ACEDO, Rodrigo; RODRIGUES, Guilherme; FREITAS, Paulo Brum; ALFONSO, Louise Prado. A terra é de quais santos? debates sobre religiões de matriz africana na semana do patrimônio de Pelotas. *In: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL*, 2018. Anais... Pelotas. Ed. da UFPEL, 2018, p. 335-339.
- ALFONSO, Louise Prado; RIETH, Flávia. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. *In: SCHIAVON, Camen Burget; PELEGRINI, Sandra de Cássia. Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios*. 1. ed. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016, p. 131-147.
- ALFONSO, Louise Prado; LIMA, Daniel Vaz; SILVA, Mateus Fernandes da; MORAES, Marina Santos; PEREIRA, José Camilo Pires; PEREIRA, Pedro Gonçalves; MONTEIRO, Dirceu Monteiro; MORAES, Alcy. O lado de cá da ponte: nossas histórias sobre o Passo dos Negros. *Revista do Dia do Patrimônio*, Pelotas, p. 12-13, 01 ago. 2017.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2017.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2018.
- CASTRO, Camila Machado Ramos de; DUARTE JUNIOR, Luiz Augusto Fonseca; FERREIRA, Martha Rodrigues; ALFONSO, Louise Prado. Entendendo a cidade a partir das narrativas e singularidades dos/as terreiros/as. *In: VI CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA 5ª SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO, ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UFPEL*. Anais... Pelotas: UFPEL, 2019. p. 163-166.
- DUARTE JUNIOR, Luiz Augusto Fonseca; DOMENEGUETI, Juliano Gomides; RODRIGUES, Guilherme; CARDOSO, Airton Rodrigues; ALFONSO, Louise Prado. Entre saltos, perucas, acessórios e maquiagens: o universo travesti em diálogo no dia do patrimônio de Pelotas. *CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL*. Anais... Pelotas: Ed. da UFPEL, 2017. p. 246-250.

fica sobre travestis e drag queens. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, 2009.

DICIONÁRIO INFORMAL. *Aquendar*. 2019. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/aquendar/>. Acesso em: 10 maio 2020.

FASSIN, Didier. Répondre de sa recherche. L'anthropologue face à ses 'autres'. In: FASSIN, Didier; BESSA, Alban. *Les politiques de l'enquête: Épreuves ethnographiques*. Paris: La Découverte, 2008, p. 299-320.

FERNANDES, Marcos Ronei Peverada; NEIS, Fabiano Pretto. A territorialização homoafetiva em Pelotas: uma breve história dos bares gays como espaços de construção de geografias LGBTQI+. In: SECRETARIA DE CULTURA DE PELOTAS. *Etno Cidade Pelotas – 16 a 18 de agosto de 2019*. Pelotas, 2019.

FERREIRA, Martha Rodrigues; COSTA, Vanessa Avila; PREVITALI, Wagner Ferreira; ALFONSO, Louise Prado. O potencial da cartografia das margens na construção de contra-narrativas patrimoniais da cidade: em foco o trabalho sexual em Pelotas. In: LV CONGRESSO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO. Anais... Pelotas: UFPel, 2018.

FIGUEIREDO, E. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. *Revista Criação & Crítica*, v. 20, p. 40-55, 2018.

FONSECA, Claudia Lee. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 10, p. 58-78, 1999.

GADELHA, José Juliano Barbosa. *Masculinos em Mutação: A performance drag queen em Fortaleza*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil, 2009.

GADELHA, José Juliano Barbosa. Performance e etnoestética: a montagem como ritual ou como nasce uma drag queen. SIMPÓSIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 8: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER. Anais... v. 8, 2008.

GADELHA, José Juliano Barbosa. Performance Drag Queen E Devir Artista. In: 27ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA - BRASIL PLURAL: CONHECIMENTOS, SABERES TRADICIONAIS E DIREITOS A DIVERSIDADE. Anais... v. 27, 2010.

GARCIA, Tanize Machado; RUCHAUD, Guilherme Galdo; ALFONSO, Louise Prado. Visibilidade das narrativas, da materialidade e das lutas do passo dos negros. CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL. Anais... Pelotas: Ed. da UFPel, 2017. p. 371-376.

LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca. *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, 1996. p. 12-53.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

O PROCEDER. Intérprete: Gloria Groove. São Paulo: SB Music, 2017.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Etnografia: saberes e práticas.

- In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *Ciências Humanas: Pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. p. 09-24.
- ROSA, Patrícia da; ALFONSO, Louise Prado. Exposição margens: diferentes formas de habitar pelotas - algumas reflexões. CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL. Anais... Pelotas: Ed. da UFPel, 2017. p. 301-306.
- SEVAIO, Joanna Munhoz; ALFONSO, Louise Prado. Cidade e suas margens: teoria e prática para outra educação possível. LV CONGRESSO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO. Anais... Pelotas: UFPEL, 2018.
- SILVA FILHO, Antonio Ernani Pinto da; SILVA, Mateus Fernandes; ALFONSO, Louise Prado. Em busca de uma tutela judicial para a proteção do patrimônio histórico-cultural do passo dos negros. CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL. Anais... Pelotas: Ed. da UFPel, 2011. p. 37-42.
- SANTOS, Joseylson Fagner dos Santos. *FEMININOS DE MONTAR – Uma etnografia sobre experiências de gênero entre drag queens*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, 2012.
- SILVEIRA, Melina Monks; MATHIAS, Simone Fernandes; SEVAIO, Joanna Munhoz; MARQUES, Gustavo Fiorini; DODE, Marcela dos Santos; ALFONSO, Louise Prado. Cidade-conceito e cidade-vivida: mapeamento das dinâmicas e temporalidades no espaço urbano/rural do passo dos negros em Pelotas/RS. V CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA. Anais... Pelotas: UFPEL, 2018.
- SOUZA, Newan Acacio Oliveira de; DE OLIVEIRA GOMES, Anderson; TAVARES, Natália de Oliveira. Arqueologia e teoria queer: por uma arqueologia transviada. *Revista de Arqueologia Pública*, Campinas, v. 13, n. 1, p. 280-299, jan./jun. 2019.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso (4ª Edição, revista e ampliada) - A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 2008.
- VENCATO, Ana Paula. “Fervendo com as drags”: corporalidades e performances de dragqueens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 2002.
- VERGARA, Daniel Luís Moura. *Eu, uma drag, no país das maravilhas. Uma etnografia do devir Trans em Pelotas-RS*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, 2014.